**A EDUCAÇÃO NUTRICIONAL COMO TEMA TRANSVERSAL DO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS APOIADAS NAS CULTURAS DA INFÂNCIA**

*Lívia Bernardes Rodrigues[[1]](#footnote-2)*

**EIXO TEMÁTICO:** IX Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional

**RESUMO**

Ao avaliarmos o cenário da infância contemporânea, do ponto de vista da saúde, desdobramentos no campo das políticas públicas se deram. Assim, em 16 de maio de 2018, a Lei Nº 13.666, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – incluindo, então, a Educação Alimentar e Nutricional como tema transversal no currículo escolar. Desenvolvida com crianças da etapa I de uma instituição escolar, concluímos que articular as áreas da nutrição x educação x infância é um significativo caminho na construção da identidade alimentar das crianças.

Palavras-Chave: educação nutricional, sociologia da infância, culturas da infância, educação, nutrição.

**INTRODUÇÃO**

No Brasil, o fim da década de 90 foi marcado por um processo denominado transição nutricional, caracterizada pela redução dos índices de desnutrição e aumento do sobrepeso e da obesidade (BRASIL, 2013). A progressão deste processo tem sido detectada não só na população adulta, mas também em crianças e adolescentes (FAGIOLI, 2007). Vários autores chamam a atenção para os altos índices de obesidade na infância (SOQUEIRO, 2013; VIEIRA, CARVALHO, 2015; BONÉ, BONITO, CALDEIRA, 2015; GARISO, 2014; COSTA, 2012). Corroborando com tais dados, o Ministério da Saúde através do Guia Alimentar para a População Brasileira, aponta que, no Brasil, uma em cada três crianças são acometidas com excesso de peso (BRASIL, 2014). Isso evidencia que a situação de excesso de peso nessa faixa etária atinge, atualmente, proporções preocupantes que colocam a saúde das crianças em “crise”, não somente devido aos efeitos psicológicos prejudiciais, mas também pelo impacto negativo na qualidade de vida. Assim, é evidente que o enfrentamento do cenário atual no que diz respeito aos problemas associados à alimentação e nutrição tem, na promoção de práticas alimentares saudáveis, sua estratégia vital. Assim, pensar as práticas alimentares saudáveis deve levar em consideração o fato de que a criança, hoje, precisa ser compreendida como um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, através das culturas da infância que vivencia – brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009). Nesse contexto, a educação infantil tem grande importância na promoção de tais práticas, uma vez que deve ter o papel de ver e escutar de forma atenta e interessada o gesto das crianças e o modo como elas interpretam o que fazem, o que sentem e o que dizem. Dessa maneira, a infância deve ser compreendida como uma construção social, ancorada na história e marcada pelo tempo (SARMENTO, 2013) onde as crianças são atores socias dotados de pensamento crítico e reflexivo e, por esse motivo, chamam a atenção para suas ações como prova de si. Por esse motivo, as crianças devem ser entendidas como um grupo humano específico, em razão da sua natureza e da sua relação com os adultos (ARIÈS, 1981).

Sabendo a importância que da escola no que tange à formação de hábitos para a vida, ela deve proporcionar um ambiente favorável à vivência de saberes e sabores, contribuindo para a construção de uma relação saudável do educando com o alimento. Por esse motivo, trabalhar a educação nutricional no ambiente escolar dentro dos contextos das culturas da infância é fundamental para estimular a formação de hábitos alimentares saudáveis. Vale ressaltar que a infância é a melhor fase para modificar hábitos alimentares incorretos com sucesso, devido à grande facilidade em assimilar, seguir exemplos e desenvolver atitudes.

Dessa maneira, para que práticas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) fluam é preciso que nutrição e educação se encontrem, se comuniquem e, se complementem. Assim, além do sólido conhecimento na área da ciência da nutrição, é preciso que o nutricionista desenvolva suas ações de EAN na perspectiva da Educação e esta deve ser pensada a partir do contexto social e históricos nos quais os educandos estão inseridos. Como, então, pensar Educação Infantil na contemporaneidade? É preciso questionar concepções ultrapassadas e se apropriar da concepção de criança, proposta pela Sociologia da Infância (SARMENTO, 2004; CORSARO, 2011) apoiando-se as práticas nas Culturas da Infância (SARMENTO, 2004) a fim de que as práticas não sejam equivocadas.

**OBJETIVO**

Analisar uma proposta de articulação entre nutrição, educação e infância e sua potencialidade para (re)pensar a educação nutricional na escola no contexto das culturas da infância visando a formação de hábitos alimentares saudáveis.

**METODOLOGIA**

A presente pesquisa foi aprovada pela Plataforma Brasil sob o CAAE 86877018.0.0000.5402, sendo desenvolvida em uma Escola Municipal de Educação Básica, situada a noroeste do Estado de São Paulo, no município de Araçatuba, sendo desenvolvida com crianças de 4 anos a 4 anos e 11 meses representadas por quatro salas de etapa I da instituição de ensino. A escolha da idade dos sujeitos da pesquisa se deu pelo fato de, nesta idade, se iniciar a busca pela independência – justificando o aumento de rejeições alimentares nesse período –, bem como, a construção dos próprios hábitos alimentares – autonomia (SBP, 2015).

Experiências anteriores (RODRIGUES, LIMA, de LIMA, 2016) influenciaram a escolha metodológica da presente pesquisa. Assim, ela buscou, por meio de intervenções práticas – ações –, transformar uma situação problema – dentro da temática central “educação nutricional e alimentar na infância”, mas definida especificamente junto aos sujeitos participantes da pesquisa em sua fase exploratória – dentro de um contexto institucional – a escola. De caráter qualitativo, a metodologia empregada no presente trabalho foi a “pesquisa-ação”, em que a ação é gerada no próprio processo de investigação.

Lewin (1965) coloca que a pesquisa-ação consiste em um processo empírico que tem com o objetivo principal intervir na prática no sentido de provocar a transformação por meio da identificação da necessidade de mudança, bem como o levantamento de possíveis soluções. Dessa maneira, tal processo é uma ferramenta metodológica capaz de aliar teoria e prática por meio de uma ação que visa à transformação de uma determinada realidade. Assim, a método em questão, consiste na resolução de um problema coletivo dependente do envolvimento cooperativo ou participativo de participantes e pesquisadores, ou seja, possui caráter participativo uma vez que o envolvimento das pessoas na problemática investigada é absolutamente necessário (THIOLLENT, 1947).

A partir do término da fase exploratória, a intervenção teve início. A abordagem foi realizada por meio de práticas e vivências elaboradas a partir do eixo central – sociologia da infância e culturas da infância – com o tema estabelecido durante a construção do problema junto aos sujeitos da pesquisa na fase exploratória: a rejeição por alimentos de origem vegetal.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O trabalho acerca do tema girou em torno da “Casa dos Alimentos”. Sendo considerado um recurso – prático e ilustrativo – desenvolvido e muito utilizado pela Ciência da Nutrição no que diz respeito a disseminar o conhecimento científico acerca da maneira como compor – o mais saudável possível – uma dieta alimentar, visando à promoção de saúde, bem como hábitos alimentares saudáveis. Trata-se da Pirâmide dos Alimentos (PHILIPPI, 2009). Segundo Sarmento (2004) a atribuição de sentido às coisas, bem como a construção da visão de mundo pelas crianças se dá a partir do mundo do faz de conta. Assim, a fim de possibilitar às crianças a compreensão deste recurso – a Pirâmide Alimentar – no que diz respeito a alcançar o entendimento referente à função de cada grupo alimentar na construção dos hábitos alimentares dos indivíduos, a Pirâmide dos Alimentos foi intitulada – na presente pesquisa – como “Casa dos Alimentos”.

Iniciamos as atividades com a construção do telhado da grande casa. As crianças receberam grandes retângulos de papelão que, com a ajuda de pincéis, ganharam cor. Com as telhas pintadas, o telhado da “Casa dos Alimentos” se fez. Iniciamos o preenchimento do primeiro andar – andar azul – com muitas gotas de água. Continuando a descoberta era chegada à hora de conhecer os alimentos-moradores do andar amarelo. Pão, arroz, macarrão. A fim de apresentar-lhes a sua função, coloquei: “Imaginem que, cada um de vocês, é um carro, um caminhão ou uma moto”. “Eu sou o carro do Batman!” (Tito); “Eu sou um caminhão bem grande” (Matheus) – (Diário de Campo 1, 2018). Continuei. “Agora que vocês já são um carro – acenava para os que se colocaram como carro –, uma moto – apontava as motos –, um ônibus e um caminhão, tenho uma pergunta: O que vocês precisam para conseguir andar?”. As palavras corriam depressa até meus ouvidos. “Roda” (Miguel); “Pneu” (Maria Fernanda); “Gasolina” (Emanuel); “Gasolina Prô... gasolina” (Sofia); “Gasolina... sem gasolina o carro não anda” (Isa) (Diário de Campo 1, 2018). A palavra gasolina se repetiu diversas vezes. Então, exclamei: “GASOLINA!” – continuei – “Para poder sair do lugar, o carro, a moto, o caminhão ou o ônibus precisam de gasolina. Nós também precisamos de gasolina e a nossa gasolina são os alimentos que moram no andar amarelo”.

Chegamos, então, ao andar verde; andar dos alimentos reguladores. Tomate, abóbora, chuchu. Prosseguindo, então, questionei: “Para que servem os alimentos-moradores do andar verde?”. “Pra comer” (Athos); “Pra ficar forte” (Manu) – (Diário de Campo 1, 2018). Em meio a tantas respostas mecânicas, comecei a falar: “Sabe, algumas vezes, comemos alimentos que enchem a nossa barriga de sujeira e, essa sujeira, não consegue sair da nossa barriga sozinha. Precisamos comer alguns alimentos que limpem a nossa barriga. Só eles conseguem varrer a sujeira. Eles varrem e a água lava. Assim, a sujeira consegue ir embora lá no nosso coco”.

Chegava a hora de descobrirmos os alimentos-moradores do andar vermelho. Feijão, grão de bico, ovo. Como quem brinca de “morto ou vivo”, movimentei meu corpo do chão à cabeça, fazendo tijolos com as mãos que percorriam todo o meu corpo. Simultaneamente ao movimento, disse: “Esses alimentos são tijolinhos que constroem o nosso corpo todinho. São eles que nos fazem crescer” (Diário de Campo 1, 2018).

Representados no ápice da Pirâmide Alimentar, estava o andar dos doces e da gordura. Ao observar a agilidade com que as crianças reconheceram os alimentos-moradores do andar cinza – alimentos industrializados, de uma maneira geral – observa-se o quanto a indústria de alimento se faz mais expressiva em seus cotidianos quando comparada aos alimentos provenientes da natureza – os *in natura*. Dispensáveis à sobrevivência humana, os alimentos do andar cinza foram denominados “sujeiras”.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da atual situação de saúde das crianças, é preciso um olhar atento para a infância no que diz respeito à construção da identidade alimentar. Sanar as causas que colocaram a infância no cenário de saúde atual seria uma utopia, mas dar condições para que as crianças construam seus hábitos alimentares de maneira consciente é possível – como a presente pesquisa evidenciou. Para isso, é preciso compreender a criança como um sujeito social e de direitos, capaz de produzir cultura e, por meio da reprodução interpretativa do que vivencia e/ou experimenta transformar o contexto social no qual está inserido. Nesse sentido, buscando acessar as crianças por meio das culturas da infância, o tema – alimentação – lhes foi apresentado. Assim, na vivência e exploração do alimento e seus processos – plantio, colheita, cultivo, sementes, importância, preparação – a pesquisa caminhou. Com isso, o tema se fez significativo para os pequenos e, nos relatos dos pais e/ou responsáveis, ficou evidente a potencialidade da pesquisa devido às infinitas maneiras que as crianças reproduziram – em seus lares – interpretando – às suas maneiras – o que, na escola, foi desenvolvido.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARIÈS,P. História social da criança e da família. In: . **A descoberta da infância.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981,p.17-31.

BONÉ, M. A.; BONITO, J.; CALDEIRA, V. Capacitação de crianças com dificuldades intelectuais para boas práticas alimentares. **Holos.** Ano 31, v. 3,2015.

BRASIL, 2009. Parecer CNE/CEB 22/1998. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, artigo 4º. Brasília-DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer_ceb_22.98.pdf>>. Acesso em: 24 março 2017.

BRASIL, 2013. PNAN – Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Ministério da Saúde. Brasília-DF. p.86. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf>>.

Acesso em: 22 março 2017.

BRASIL, 2014. Guia alimentar para a população brasileira. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília-DF. p.158. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/novembro/05/Guia-Alimentar-para-a-pop-brasiliera-Miolo-PDF-Internet.pdf>>. Acesso em: 22 março 2017.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011.

FAGIOLI, D. et al. Caracterização do Estado Nutricional de Escolares Atendidos pelo Programa Alimentação Saudável da Prefeitura do Município de São Paulo. **Rev. Nutrição em Pauta**, n.85. Julho/Agosto 2007.

GARISO, S. D. N. **Estudo exploratório das necessidades de educação parental na prevenção da obesidade infantil:** as realidades brasileira e portuguesa. 138 f. Dissertação (Mestrado em Intervenção Psicossocial com crianças, jovens e famílias) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal,2014.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social.** São Paulo: Pioneira, 1965.

PHILIPPI, S.T. *Pirâmide dos Alimentos***.** São Paulo: Manole, 2009. 1 ed. p. 387.

RODRIGUES, LIMA, de LIMA. A educação nutricional no contexto das culturas da infância. **ColloquiumHumanarum**, Presidente Prudente, v.13, n.3, p.01-06, jul/set.2016. Disponível em: <<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/viewFile/1766/1729>>. Acesso em: 11 abril 2017.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: ; CERISARA, A.B. **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação.** Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

SARMENTO, M.J. Infância contemporânea e educação infantil: uma perspectiva a partir dos direitos da criança. Instituto da Educação. Universidade do Minho. Portugal, 2013.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Conversando com o Pediatra***.* SBP, 2005.Disponível em: <<http://www.conversandocomopediatra.com.br/paginas/materias_gerais/alimenta%C3%A7%C3%A3o_para_criancas_de_4_e_5_anos.aspx>>. Acesso em: 13 Julho 2017

SOQUEIRO, M. do C. P. **A percepção dos pais sobre o comportamento alimentos dos filhos e sua relação com a obesidade.** 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Comunitária). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2013.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 108p. 1947

VIEIRA, M.; CARVALHO, G.S. Impacto do Programa Educativo ‘Planear Saúde na Escola’ em dois gêmeos adolescentes obesos: Um estudo de caso. In: XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER & SAÚDE. 2015, Portugal. Anais do XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER & SAÚDE. Escola Superior de Educação. Universidade do Minho.

1. Nutricionista (UNESP Botucatu/SP), Especialista em Educação Infantil – 0 a 5 anos (UNESP Presidente Prudente/SP), Mestranda em Educação (UNESP Presidente Prudente/SP). Professora do Colégio Criando Asas, Birigui, São Paulo, Brasil. Contato: livia.bernardes.rodrigues@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)